Reflexões sobre o "Período Funcionalista" Ciespalino[1]

Iury Parente Aragão[2]
Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP[3]

Resumo:
Este texto é uma reflexão sobre o entendimento de que entre 1960 e 1973 o Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina (Ciespal) passou por um "período funcionalista". Tendo por base pesquisa bibliográfica e documental realizada no acervo desse Centro e o estudo de obras de Émile Durkheim, Bronislaw Malinowski e Robert Merton, buscamos aproximações e distanciamentos entre as indicações de investigação presentes em materiais do Ciespal dos anos 1960 e o funcionalismo. O estudo apontou que a comunicação para o desenvolvimento trouxe propostas políticas, enquanto que a *Mass Communication Research* (MCR) guiou o fazer científico, e que estas não trazem, necessariamente, em suas estruturas, o pensamento funcional.

Palavras-chave: Ciespal; Funcionalismo; *Mass Communication Research*; Comunicação para o desenvolvimento.

Aspectos introdutórios

Tendo por base os questionamentos sobre a qualificação e a formação de jornalistas na primeira metade dos anos 1950, a Unesco (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*), em reunião ocorrida em Paris em 1956, debateu tal tema e enxergou que uma solução seria "implantar centros regionais para formar jornalistas na África, na Ásia e na América Latina" (MARQUES DE MELO, 2009, p. 17). Dessa forma, em 1957, criou o "Centro de Estudos Superiores de Jornalismo para a Europa, na cidade francesa de Estrasburgo" (SALGADO, 1980). Contudo, havia um problema: esse Centro estava limitado à Europa e à África.

Na *Segunda Conferencia de Comisiones Nacionales de la Unesco del Hemisferio Occidental*, realizada na Costa Rica, em 1958, a Universidade Central do Equador se propôs a receber o Centro para a América Latina, já disponibilizando professores, local, a construção de um edifício e contando com o apoio do governo equatoriano, que garantiu suporte

[1] Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2017), bolsista Capes. Doutorado Sanduíche (PDSE-Capes) no Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina (Ciespal). Professor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus Juazeiro.
[3] Este texto traz alguns resultados do nosso trabalho doutoral, intitulado *Elos teórico-metodológicos da folkcomunicação: retorno às origens (1959-1967).*

financeiro (ORIGENES..., 1984, p. 85). E já no final do ano de 1958, na X Conferência Geral da Unesco, a criação do Centro latino-americano na cidade de Quito foi aprovada[4].

Em 8 de outubro de 1959 foi realizada a sessão constitutiva do Centro Internacional de Estudos Superiores de *Periodismo* para a América Latina (Ciespal), ficando definida a primeira diretoria – composta por Alfredo Pérez Guerrero, Homero Viteri Lafronte e Jorge Fernández (NUÑEZ, 1980, p. 2). E o primeiro curso do Ciespal aconteceu em 10 de outubro de 1960, tendo como um dos seus participantes Raymond Nixon, então decano da Universidade de Minnesota e Presidente da IAMCR (International Association for Media and Communication Research) (1959-1964) (EL PRIMER..., 1960).

Em sua primeira década, a presença de pesquisadores norte-americanos e europeus era bastante comum, com as indicações de pesquisa muito se vinculando a propostas de autores provenientes dos Estados Unidos[5] (CÓRDOVA, 1967; BELTRÁN, 2000; NAVARRO, 2005; MARQUES DE MELO, 2007; MARQUES DE MELO, 2009; LEÓN DUARTE, 2012). Entre os professores do Ciespal nos anos 1960 estiveram Raymond Nixon (Universidade de Minnesota), Wayne Danielson (Universidade da Carolina do Norte), Wesley Clark (Universidade de Syracuse), Jacques Kayser (Universidade de Paris), Joffre Dumazedier (Sorbonne). Também participaram dois brasileiros: Danton Jobim (Universidade do Brasil) e Luiz Beltrão (Universidade Católica de Pernambuco) (CÓRDOVA, 1967, p. 112). Entre as publicações, tivemos *Proceso y efectos de la comunicación colectiva* (Wilbur Schramm), *Investigaciones sobre comunicación colectiva* (Raymond Nixon), *Introducción a la investigación de la comunicación colectiva* (Ralph Nafziger e David White), *Metodología de la investigación en la comunicación colectiva* (Wayne Danielson), *De la sociología de la comunicación colectiva del desarrollo cultural* (Joffre Dumazedier) (CÓRDOVA, 1967, p. 113-129), que trazem diversas indicações de como deveriam ser elaboradas as investigações.

Esses anos foram/são entendidos por alguns estudiosos como o "período funcionalista" do Ciespal, como por Berger (2001, p. 246-247), dizendo que "é o funcionalismo, através do difusionismo, que encontra abrigo no Ciespal, inaugurando as preocupações com a

[4] Para detalhes desse processo, sugiro a leitura dos textos "Orígenes históricos de Ciespal", disponível na Chasqui, n.11 (1984), e "Primeira década do Ciespal: fundação e indicações de investigação", publicado na Chasqui, n.135 (2017).

[5] Podemos lembrar, também, que esse era o período da Guerra Fria, e que na América Latina existiam fortes disputas políticas, como na Argentina, no Brasil, na Bolívia: "Entre março de 1962 e junho de 1966, nove presidentes civis foram derrubados por golpes de Estado militares, segundo um relatório da Comissão das Relações Exteriores do Senado americano" (OS ANOS..., [s.d.], p. 42).

comunicação na região", Medina (2000, p. 139) vendo o Ciespal "como polo aglutinador das metodologias e técnicas funcionalistas", Meditsch (2000, p. 133) afirmando que "a formação clássico-humanista que orientava os cursos de jornalismo até a década de 60 foi rejeitada pelo funcionalismo introduzido pelo Ciespal" e Feliciano (1987, p. 54) defendendo que o Ciespal, em sua primeira década, tinha "uma visão estrutural-funcionalista, fundada na preocupação com os efeitos da comunicação [...]".

Em leituras de comunicólogos latino-americanos poderíamos entender o funcionalismo como vinculado à objetividade científica (e, com grande força, ao quantitativismo), aos estudos dos efeitos da comunicação e às "políticas imperialistas norte-americanas", como em A. Mattelart e M. Mattelart (2011), Piccini, A. Mattelart e M. Mattelart (1976) dizendo, por exemplo, que "acrescentamos que esta sociologia, chamada de norte-americana, perde seu caráter nacional para se confundir com o imperialismo quando molda as escolas sociológicas na América Latina" e Adelmo Genro Filho (1987, n.p) ao defender que o funcionalismo "fundamenta a moral burguesa como um valor digno de ser reverenciado e acatado", que está "alicerçada em estudos de natureza empirista que se utilizam de modelos formais e matemáticos", e que a "normalidade" era o capitalismo norte-americano.

Contudo, ao lembrarmos Florestan Fernandes (1962), podemos ter outro entendimento do funcionalismo, como de não ser "total e irremediavelmente 'insensível' aos aspectos diacrônicos da vida social", de não pressupor um equilíbrio perfeito e de que algumas críticas sofridas possuem "notória incoerência":

> De um lado, há os que acusam os funcionalistas de atribuírem demasiada importância aos fatores psicológicos (e até psicofisiológicos), como se pode verificar pelos argumentos utilizados pelos oponentes de Malinowski; de outro lado, há os que condenam os funcionalistas pelo pecado inverso, como se comprova pelas severas restrições feitas a Durkheim e Radcliffe-Brown, pelos que supunham que eles ignoravam ou negligenciavam os componentes psico-sociais dos fenômenos sociais. (FERNANDES, 1962, p. 200)

Dessa forma, surgiu a hipótese de que o funcionalismo poderia não trazer em suas propostas o conservadorismo social, as políticas desenvolvimentistas, a defesa ao quantitativismo etc., mesmo que as obras difundidas a partir do Ciespal trouxessem essas características. E a necessidade de investigar tal suposição ganhou força ao percebermos que era comum se falar de funcionalismo como um assunto já sabido por todos, sem explicações

mais detalhadas de suas características, inclusive sendo fácil encontrar textos tratando do tema apenas utilizando comentaristas, sem uma única citação aos originais.

Assim, e levando em consideração a diferenciação que Foucault (2006, p. 25) faz entre textos "primeiros" e "comentários", decidimos ter como bibliografia principal obras de próprios autores funcionalistas, mas sem abrir mão dos "comentários", pois ter como auxílio leituras que se propõem a mostrar o que "estava articulado silenciosamente no texto primeiro" é de grande importância.

Delimitando os autores funcionalistas a serem lidos[6], optamos por três: Émile Durkheim, por sua importância para a sociologia e por ser comumente lembrado como pertencente ao funcionalismo (MATTELART & MATTELART, 2011; MALINOWSKI, 1970); Bronislaw Malinowski, por se declarar funcionalista ([1922]1970) e por sua importância para a antropologia cultural; e Robert K. Merton, por ser considerado o "responsável pela viragem histórica" do funcionalismo (LAZARSFELD, 1976, p. 116) e por ter pesquisas vinculadas à comunicação.

Para sabermos quais conteúdos foram escolhidos para serem ensinados no Ciespal, optamos por realizar pesquisa documental no próprio Centro, buscando livros, revistas, cartilhas, atas, cartas e todo e qualquer material que nos trouxesse informações sobre as investigações ocorridas ou indicadas pelo próprio Centro. Assim, tivemos como obras-base as listadas no texto de Córdova (1967), secretário geral do Ciespal nos anos 1960, adicionadas de documentos encontrados durante a busca.

Para as leituras, seguimos a sugestão de Gil (1996) de tomarmos apontamentos a partir de algumas categorias que, então, definimos: a primeira foi sobre aspectos teóricos que a obra usou e/ou ajudou a formar; a segunda tratou de aspectos comunicacionais que o autor tratou, fosse para utilizá-los em sua investigação, ou fosse uma proposta; a terceira para identificarmos as técnicas de investigação utilizadas e/ou sugeridas; a quarta nomeamos de "outros temas", ou seja, demais observações que pudessem vir a ser relevantes.

Dessa maneira, desenhamos uma investigação bibliográfica e documental no intuito de tentarmos compreender o que seria o funcionalismo ciespalino, tendo por base alguns autores funcionalistas e as obras publicadas e utilizadas pelo próprio Ciespal nos anos 1960.

[6] Os livros desses autores estudados são os citados nas nossas referências.

Afastamentos e aproximações

Tendo por base os autores funcionalistas supracitados e as categorias observadas durante as leituras, buscamos, ainda, nos ater mais detalhadamente em alguns pontos comumente vistos quando lemos sobre o funcionalismo: caracterização da análise funcional, a utilização de analogias orgânicas, a função de estabilização da sociedade e de ser uma teoria conservadora e, consequentemente, a favor dos interesses imperialistas.

Dentre as obras de Durkheim lidas, a que nos mostra mais claramente um pensamento funcional[7] é *Da divisão do trabalho social*, exibindo como a estrutura social era observada por ele e, consequentemente, o que ele entendia por função, que era derivada de uma evolução social, de uma sociedade na qual predominava o direito repressivo (com preponderância da solidariedade mecânica[8]) para uma em que o direito restitutivo (aqui a solidariedade orgânica[9] prevalecia) se sobressaia. Quando a sociedade se encontrasse neste último tipo de solidariedade, com maior diferenciação entre os sujeitos e maior divisão de trabalho, seria perceptível mais claramente as funções e a importância de especializações para o organismo social. Para Durkheim (2013, p. 13), a função mostrava a relação de correspondência entre os movimentos vitais e as necessidades do organismo; de acordo com Timasheff (1973, p. 152), "uma relação de correspondência entre o fato considerado e as necessidades do organismo".

Essa aproximação entre social e biológico é bastante clara e, conforme Thompson (2003, p. 83, tradução nossa), era realizada "para tornar inteligível a correspondência entre as funções das instituições do Governo (do Estado) e de certas necessidades da sociedade industrial moderna, comparando-o a funções do cérebro em relação às necessidades do corpo".

> O conceito de função aplicado a sociedades humanas baseia-se na analogia entre a vida social e vida orgânica. O reconhecimento da analogia e de algumas de suas implicações não é novo. No século XIX, analogia, conceito de função e a própria palavra aparecem frequentemente na filosofia social e na sociologia. Tanto quanto sei, a primeira formulação sistemática aplicada ao estudo estritamente científico da sociedade foi a de Émile Durkheim, em 1895 (règles de la méthode sociologique). (RADCLIFFE-BROWN, 2013, p. 161)

[7] "A discussão de Durkheim do tipo primitivo de divisão de trabalho social, e sua análise de religião e magia, estão dentro da esfera de ação do método funcional" (MALINOWSKI, 1970, p. 138).
[8] Solidariedade na qual as pessoas são unidas por semelhança: possuem "os mesmos sentimentos, os mesmos valores, reconhecem os mesmos objetos como sagrados" (ARON, 2008, p. 458).
[9] Conforme Durkheim (apud ARON, 2008, p. 458), orgânica "é a solidariedade baseada na diferenciação dos indivíduos, por analogia com os órgãos de um ser vivo, cada um dos quais exerce uma função própria; embora os órgãos não se pareçam uns com os outros, todos são igualmente indispensáveis à vida".

Malinowski (1970) nomeia suas investigações como funcionalistas, como em *Uma teoria científica da cultura*, na qual abordou assuntos como função, instituição, satisfação, necessidade, cultura, estrutura social etc., e caracterizou o funcionalismo (1970, p. 140). A vinculação entre o social e o biológico também é bem presente quando defende que são das necessidades básicas que as respostas sociais começam a ser geradas, e, destas, novas necessidades surgem, as "derivadas", já havendo, aqui, um distanciamento entre o biológico e o social.

A análise cultural, sob o viés funcional de Malinowski, tem um pensamento organicista, pois a observação das instituições e dos aspectos culturais obedece a ideia de que as funções do sistema social são "interdependentes e mais ou menos completamente integradas" (TIMASHEFF, 1973, p. 271). A aplicação dessas ideias é perceptível em *Argonautas do pacífico ocidental*, quando faz a análise do *Kula*, uma forma de troca com caráter intertribal bastante amplo, sendo praticado por comunidades localizadas num extenso círculo de ilhas que formam um circuito fechado (MALINOWSKI, 1984, p. 71).

Aproximando-nos da comunicação e dos estudos estadunidenses, podemos observar Robert Merton, que, assim como Talcott Parsons, é comumente visto um dos grandes teóricos funcionalistas. Seu texto mais importante sobre o tema é *Manifest and Latent Functions*, que, conforme Lazarsfeld (1979, p. 116), "marca uma viragem histórica na medida em que adopta um ponto de vista funcional, tentando definir problemas ainda não resolvidos. Tudo ou quase tudo que foi publicado consequentemente se refere ao ensaio de Merton".

Em *Manifest and Latent Functions*, há a proposição de como deveria ser realizada uma análise funcional, as conceituações de funções manifestas[10], funções latentes[11] e as diferenciações entre função, disfunção e não função:

> Funções são aquelas consequências observadas que propiciam a adaptação ou ajustamento de um dado sistema e disfunções são aquelas consequências observadas que diminuem a adaptação ou o ajustamento do sistema. Há também a possibilidade empírica de consequências não-funcionais as quais são simplesmente irrelevantes ao sistema em consideração". (MERTON, 1968, p. 118)

[10] "[...] consequências objetivas para uma unidade especificada (pessoa, grupo, sistema social ou cultural) a qual contribui para seu ajustamento ou adaptação e assim é intencionada" (MERTON, 1968, p. 130).
[11] "[...] consequências não intencionadas e não reconhecidas da mesma ordem" (MERTON, 1968, p. 130).

Merton também fala do organicismo, afirmando que é possível caminhar por tais relações de semelhança para interpretar objetos sociais, porém defende que a realidade social é diferente da biológica, e que tal relação deveria ser utilizada com cautela:

> [...] lucrar com a lógica do processo empregado de modo bem sucedido nas ciências biológicas, não é descambar na aceitação de analogias em grande parte irrelevantes e de homologias, que por tanto tempo têm fascinado os devotos da sociologia organicista. Examinar a armação metodológica das pesquisas biológicas não é adotar seus conceitos substantivos. (MERTON, 1968, p. 115)

Esses autores optavam por diferentes técnicas de pesquisa, embora várias de suas indicações tivessem por base o positivismo comtiano, entendendo este por algumas características, como ser objetivo, realizar observação direta, fazer estudos históricos (em suplementação ou substituição ao que ele trata por "método dogmático"[12]), tomar "os fenômenos como sujeitos a leis naturais invariáveis" (COMTE, 1978, p. 7) e realizar previsões racionais, ou seja, desvendar leis universais e "ver para prever". Timasheff (1973, p. 38-39) entende que o método positivo se faz por quatro processos: observação, experimentação, comparação e método histórico. A observação se refere ao uso dos sentidos físicos, que deveriam ser guiados por uma teoria; a experimentação, ele sabia que era muito difícil de ser feito na sociedade, mas o termo experimento também podia significar observação controlada; a comparação poderia se dar entre sociedades coexistentes e entre humanas e animais – Comte via a sociedade como um organismo em que o todo é mais conhecido do que as partes; o método histórico se dava pela verificação da variação da opinião pública e pela utilização de fatos históricos em sua argumentação.

Malinowski, em *Uma teoria científica da Cultura*, e Durkheim, em *As formas elementares da vida religiosa*, por exemplo, buscaram por uma lei universal. Este, assim como Comte, fez diversas críticas à especulação, dizendo que por ela só era possível chegar a opiniões provisórias e hipotéticas (DURKHEIM, 2008, p. 440). Em relação ao olhar histórico, há algumas discordâncias entre os autores estudados, porque é indicado por Comte, utilizado por Boas, aceito e criticado por Malinowski e rejeitado por Durkheim em *As regras do método sociológico*, mas utilizado em *As formas elementares da vida religiosa*.

[12] No dogmático "apresentamos o sistema de ideias tal como poderia ser concebido hoje por um único espírito que, colocado numa perspectiva conveniente e provido de conhecimentos suficientes, ocupar-se-ia de refazer a ciência em seu conjunto" (COMTE, 1978, p. 27).

Outro ponto a ser observado no funcionalismo é a rejeição ao subjetivo, como é perceptível em Durkheim, com este afirmando, por exemplo, que os estudos deveriam ser sobre a sociedade, e não sobre os indivíduos. Contudo, Malinowski aceita, indica e utiliza: em suas pesquisas de campo observou os aspectos psicológicos, como podemos perceber nos textos de *Estudios de psicologia primitiva: el complejo de Edipo*.

Em relação ao quantitativismo, não podemos afirmar que é uma marca funcionalista, pois, por exemplo, Robert Merton não indica o uso matemático/estatístico, o que também não ocorre com Malinowski. Durkheim, que é vinculado por Halfpenny (apud LACERDA, 2009, p. 328) a "uma teoria do conhecimento de acordo com a qual a ciência natural da Sociologia consiste na coleção e na análise estatística de dados quantitativos sobre a sociedade", vê a importância estatística para a ciência, chegando a afirmar que "o que cada número exprime é um certo estado da alma coletiva" (DURKHEIM, 2002, p. 7), todavia, entre as suas mais destacadas obras, apenas em *O suicídio* que a vemos em uso.

E em relação a um possível conservadorismo funcionalista, é bastante comum haver posicionamentos com essa defesa, afirmando que o entendimento de a sociedade ser formada de instituições fortes que atuam e interagem de maneira a manter o equilíbrio é uma defesa à não mutabilidade.

> Encontramos aqui a principal falha do funcionalismo: seu nenhum interesse para transformar a ordem social vigente: 'o que importa é facilitar o funcionamento do sistema existente, sem julgar nunca sua validade, qualquer que seja o perigo para o futuro da sociedade e para a integridade do homem'. A única integridade considerada pelo funcionalismo é a integridade do homem do sistema. (PICCINI, MATTELART & MATTELART, 1976, p. 19, tradução nossa)

A ideia de "normal e patológico" em Durkheim pode ser uma mostra do conservadorismo funcional, especialmente quando tal raciocínio é utilizado para a criação de políticas em que o considerado "normal" é mantido e defendido e o visto como "patológico", ou seja, o anormal, é combatido (ARON, 2008). É comum encontrarmos Comte nas obras de Durkheim, e a ideia de "normalidade" também há naquele autor, mas em um sentido diferente do durkheimiano: em Comte, o estado normal da sociedade seria um grupo social organizado,

havendo divisões de classes, com cada uma desempenhando tarefas específicas[13] e sendo um sistema hierárquico, não igualitário (LACERDA, 2010, p. 443).

Contudo, indo além desses conceitos, é possível perceber que o entendimento de estrutura social de Durkheim é flexível, como ao defender que indivíduos e instituições precisam de modificação na busca de aperfeiçoamento e independência, e que as funções dos órgãos não são indispensáveis.

> A concepção de funcionalismo de Durkheim era altamente flexível. Ele usou isso para se referir às funções latentes (não intencionais) das instituições, que escapam da observação humana ou da intenção. Ele também reconheceu que as instituições poderiam ter múltiplas funções e que eram alternativas funcionais; uma mesma instituição poderia servir a diferentes funções e algumas funções poderiam variar de sociedade para sociedade. Com o desenvolvimento da divisão do trabalho, a vinculação entre uma função dada e uma estrutura dada poderia tornar-se mais solta e mais flexível – a função tornando-se cada vez mais independente da estrutura. (THOMPSON, 2003, p. 84, tradução nossa)

Sob abordagens ditas funcionais, Malinowski (1973), por exemplo, defendeu a cultura dos homens "nativos" e denunciou as formas de contato do "homem ocidental", e Boas (2011), em *A mente do ser humano primitivo*, de 1911, narra as dificuldades enfrentadas no combate à ideia então corrente de que havia superioridade do homem branco sobre o negro. E Lazarsfeld (1970, p. 125) traz um interessante ponto de vista ao afirmar que a utilização da abordagem funcional por grupos que estão no poder pode sim levar à conservação do *status quo*, porém não foi com esse intuito sua aplicação por alguns antropólogos:

> Para os antropólogos britânicos, o funcionalismo foi um utensílio revolucionário. Eles desejaram, na verdade, impedir os administradores coloniais de destruir as populações indígenas, desrespeitando por inadvertência alguns mecanismos do seu sistema social. Acentuaram o papel positivo que cada elemento desempenhava no conjunto. Nas sociedades modernas, pelo contrário, o funcionalismo reforça as tendências conservadoras; como nem tudo ocorre pelo melhor na nossa sociedade, não devemos fechar os olhos às imperfeições.

Merton (1968) abordou a temática do conservadorismo de forma bastante clara, criticando postulados que levam à interpretação de que todas as estruturas sociais são indispensáveis, defendendo que os aspectos disfuncionais permitem mudanças e que há momentos conservadores na sociedade sob a análise funcional, assim como também existe

[13] "[...] em que o patriciado realiza suas funções de administradores da riqueza material, ao passo que o proletariado é capaz de manter suas famílias e executar suas funções gerais de fiscalização dos poderes sociais". (LACERDA, 2010, p. 103).

sob a análise materialista dialética (MERTON, 1968, p. 106-108): "A [dialética] evidentemente, tem também um lado conservador: reconhece que os estágios definidos do conhecimento e da sociedade são justificados por seu tempo e circunstâncias; mas somente até aí [...]".

Paul Lazarsfeld também é lembrado como um autor funcionalista, como por ter escrito o texto *Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada*, que trabalha a ideia de "disfunção narcotizante", com Merton (que fora seu professor e parceiro em pesquisas) e por ser autor, junto com Elihu Katz, do livro *Personal Influence: the part played by people in the flow of mass communication*, um estudo sobre influência pessoal e liderança de opinião.

A ideia de liderança de opinião proveniente de Lazarsfeld (também pelo estudo *The people´s choice*, escrito com Gaudet e Berelson) reverberou em autores que participaram do Ciespal, como em Luiz Beltrão, ao pôr em sua tese (*Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias*), defendida em 1967 na Universidade de Brasília, um capítulo inteiro sobre o tema, e no livro *Comunicação de massa e desenvolvimento: o papel da informação nos países em crescimento*, de Wilbur Schramm, de grande destaque na América Latina (DINES, 1976; BELTRÁN, [s.d.]; MARQUES DE MELO, 2007).

Alguns entrecruzamentos podem ser notados nesse momento, pois temos Merton e Lazarsfeld vinculados por estudos de comunicação realizados nos Estados Unidos, como sobre os líderes de opinião e sobre os líderes locais e cosmopolitas (MERTON, 1968, p. 479-513), e o uso de ideias funcionalista em *Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada*. Além da proximidade entre Merton e Lazarsfeld, a ideia de líder de opinião nos parece ser um dos liames que também gera a aproximação entre funcionalismo e pesquisas realizadas nos Estados Unidos e na América Latina[14]. Porém, ao estudarmos *Personal Influence*, percebemos que as indicações funcionalistas não possuem forte influência. O que surge com mais força são opções bastante vinculadas à *Mass Communication Research* (MCR).

Personal influence é um estudo sobre influência pessoal que buscou mostrar que os meios de comunicação massivos não eram todo-poderosos e ultrapassar o pensamento do "quem diz algo a alguém e com que efeito" (KATZ; LAZARSFELD, 1979, p. 18;

[14] Jacks e Escosteguy (2003), por exemplo, usam como um dos argumentos para vincular a folkcomunicação ao funcionalismo o uso que Luiz Beltrão faz de estudos de Lazarsfeld, Berelson, Katz e Merton.

BELTRÁN, 2000, p. 103). A sua elaboração não traz indicações funcionalistas, segue as características da MCR, que, de acordo com Schramm (1965), em análise feita partir de artigos na revista *Jounarlism Quartely*, possuía linguagem dura, rigorosa e cética[15]:

> 1) São quantitativas, em vez de especulativas. Seus praticantes estão profundamente interessados na teoria, mas naquela teoria que pode ser provada, e eles querem prová-las; 2) [A comunicação é vista tanto como a expressão típica dos jornais, do rádio e da televisão, quanto a comunicação interpessoal, a palavra falada, os sinais, as fotografias etc.]. Nos Estados Unidos as investigações da comunicação se referem a todos os sistemas que se intercambiam e compartilham ideias e informação; 3) [A pesquisa em comunicação se preocupa com a eficácia (efeitos) da comunicação, isto significando a busca por ser] compreendido, como ser claro, como as pessoas utilizam os meios de informação, como podem as Nações se compreenderem, como pode usar a sociedade os meios de informação para obter seu máximo bem-estar, como se realiza o processo básico da comunicação. (SCHRAMM, 1965, p. 5, tradução nossa)

Em agosto de 1967, em evento realizado na Cásper Líbero, Marques de Melo (1968, p. 18-21) mostrou um panorama dos estudos em comunicação realizados na época, recuperando vários autores (Harold Lasswell, Carl Hovland, Wilbur Schramm, Kurt Lewin e Paul Lazarsfeld) vinculados às pesquisas dos Estados Unidos e que estavam presentes em diversas publicações do Ciespal, pondo-os na fase que intitulou "quantitativa". Segundo Marques de Melo (1968), as características principais eram: 1) Uso de questionários: "formulário estruturado que contém uma série de perguntas, na maioria das vezes com respostas pré-estabelecidas"; 2) Método de observação: "entre pesquisador e informante não existia uma relação direta de indagação e contestação. A atividade básica é a do pesquisador que observa, constata, identifica fenômenos comuns: reações, atitudes, comportamentos"; 3) Métodos mecânicos ou da evidência: "utilizam instrumentos especiais que registram atitudes, reações, comportamentos com grande margem de segurança". Entre os instrumentos, estavam o oftalmógrafo, eletropsicógrafo e audímetro; 4) Métodos experimentais: "Registro de observações e opiniões a partir do uso da experimentação da mensagem. É o estudo de um novo jornal ou revista, cuja edição piloto se distribui a uma amostra de leitores em potencial, que apresentam críticas e sugestões depois de efetuar a leitura [...]".

Ainda conforme Schramm (1965), as pesquisas norte-americanas que viriam a ser chamadas de *Mass Communication Research* (MCR) nasceram a partir de Carl Hovland e

[15] Os livros citados na segunda página deste nosso artigo trazem as indicações de pesquisa e a visão de ciência da MCR.

Kurt Lewin (psicólogos), Paul Lazarsfeld (sociólogo) e Harold Lasswell (cientista político). Dumazedier (1968, p. 7-8) chama esse tipo de pesquisa de "sociologia da informação", diz que ela nasce nos anos 1930 nos Estados Unidos com características de ciência formal, colocando esses quatro pesquisadores anteriormente citados como os precursores. Para Navarro (2005, p. 96), desde os anos 1920 se desenvolveu nos Estados Unidos o que ele chamou de "*Mass Communication Research"*. Proulx (2014) indica que a MCR surgiu no Entre Guerras, com o governo estadunidense passando a investir na produção de propagandas para obter apoio dos seus cidadãos. E Meditsch (2012, p. 178) vê que:

> Hoje, já consigo rastrear um pouco mais além, chegando à origem da *Mass Communication*, um campo acadêmico gerado no Departamento de Estado norte-americano, durante a Segunda Guerra Mundial, quando reuniu *scholars* de várias disciplinas para enfrentar a estratégia comunicativa de Goebbels e Hitler na Alemanha criando um departamento e Guerra Psicológica.

Schramm (1976), em *Comunicação de massa e desenvolvimento*, também tratou da liderança de opinião, defendendo que os canais do "sistema de comunicação" não eram apenas os massivos, mas também os agentes de comunicação, que falavam diretamente com as pessoas e/ou com auxílio dos líderes de opinião, no intuito de persuadir. Era o uso da ideia de líder de opinião e do *two-step flow of communication* para que as mensagens das campanhas desenvolvimentistas chegassem às comunidades-alvo.

No entanto, vemos momentos como esse como um entrelaçamento de ideias, como aproximações, não como ações de uma única coisa: do funcionalismo. Este teve origem, em meados do século XIX, com estudos ditos "organicistas", com Comte e Spencer, e com Durkheim, que os usou em vários de seus textos. Realizando pesquisas sob tal termo, temos Malinowski, como nos diz, de maneira bastante crítica, Radcliffe-Brown (2013, p. 169):

> Mais de uma vez tenho sido considerado como pertencente a algo chamado Escola Funcional de Antropologia Social, e até mesmo como sendo chefe, ou um de seus chefes. Essa escola funcional na realidade não existe; é um mito inventado pelo Prof. Malinowski. Ele explicou como, para citar suas próprias palavras, "o magnífico título da Escola Funcional de Antropologia foi atribuído por mim mesmo, de certo modo a mim mesmo, e em grande grau fora de meu próprio senso de irresponsabilidade". A irresponsabilidade do Prof. Malinowski tem tido desastrosos resultados, visto que espalhou pela antropologia uma densa neblina de discussão sobre o "funcionalismo". O Prof. Lowie anunciou que o principal, não o único, expoente do funcionalismo no século XIX foi o Prof. Franz Boas. Não acho que haja qualquer sentido, além do puramente cronológico, em dizer-se que sou

> seguidor do Prof. Boas ou predecessor do Prof. Malinowski. Dizer que eu sou um "funcionalista" parece-me nada significar claramente.

A MCR, como já dissemos, surge entre os anos 1920 e 1930, e tem no governo dos Estados Unidos forte fonte de recrutamento e de financiamento, como aconteceu, por exemplo, com Harold Lasswell, que elaborou a análise de conteúdo na Biblioteca do Congresso americano (*Library of Congress*) e "a aplica ao corpus de mensagens de propaganda 'branca' (destinadas aos públicos dos países aliados) e de propaganda 'negra' (isto é, que mascaram o autor da mensagem)" (PROULX, 2014, p. 60)[16] e que utilizou o modelo "Quem? Diz o quê? Em qual canal? Para quem? Com qual efeito?" no período em que esteve à frente da Divisão Experimental para o Estudo da Comunicação em Tempos de Guerra (CARVALHO, 2012, p. 226).

A análise de conteúdo chega à América Latina justamente pelo Ciespal, realizando pesquisas sobre os jornais da região e, ainda segundo Beltrán (1973, p. 56, tradução nossa), "entre 1962 e 1967 Ciespal realizou um notável esforço de investigação morfológica e de conteúdo que abarcou 10.000 páginas de 439 edições de 29 maiores diários da América Latina e, para fins de comparação, de quatro diários extrarregionais".

A MCR e o funcionalismo possuem entrecruzamentos com ideias utilizadas em alguns estudos, mas não os percebemos como sinônimos. A orientação à experimentação, ao quantitativismo, ao uso de questionários, à tentativa de delimitar as investigações sobre Comunicação Coletiva, à busca pelos efeitos dos meios de comunicação etc. não são características funcionalistas, são marcas que ajudam a delimitar a MCR, fazendo parte do seu entendimento de ciência, como defenderam diversos autores – como Bruce Westley (1967), Tannenbaum (1967), Carter Jr. (1967), Maletzke (1963), Berelson (1964), Dumazedier (1968) – em apostilas traduzidas e organizadas pelo Ciespal.

A aproximação que acreditamos haver entre MCR e funcionalismo se dá por ambas terem base positivista. Conforme Lacerda (2010, p. 83), "positivo" possui sete acepções: real, útil, certo, preciso, relativo, orgânico, simpático. Na MCR, a opção pelo "real" (investigar o acessível à inteligência, evitando o fictício), pelo "certo" (evitar discussões sobre "dúvidas indefinidas e desses debates intermináveis que o antigo regime mental devia suscitar"

[16] Já Dumazedier (1968, p. 55) afirma que Bernard Berelson foi o fundador desse método.

[COMTE, [s.d.], p. 47]) e pelo "preciso" (obter conhecimentos precisos, evitando informações vagas e apoiadas em discursos sobrenaturais) é bastante forte.

Nos Estados Unidos, Carl Hovland fez experimentos para o exército americano, Lasswell elaborou a análise de conteúdo, Lazarsfeld buscou compreender o impacto dos meios por procedimentos ditos científicos e recusando críticas "filosóficas" e "especulativas". No funcionalismo, esse "espírito positivo" também é perceptível, semelhante "ao dos físicos, químicos, fisiologistas, quando se aventuram numa região ainda inexplorada de seu domínio científico" (DURKHEIM, 2002, p. XIX). No entanto, há diferenças, como: enquanto na MCR o quantitativo possui grande relevância, no funcionalismo ele é defendido por autores como Durkheim (conquanto não faça uso dela em muitas de suas pesquisas) e tem o valor reconhecido por Malinowski, embora este faça diversas críticas, como, por exemplo, ao afirmar que o quantitativismo não é suficiente para entender e explicar um objeto estudado. Como método de interpretação, o funcionalismo é organicista, enquanto que a MCR não necessariamente busca tal caminho para o entendimento da sociedade e nem dos Meios de Comunicação de Massa.

Em relação às ações imperialistas[17] que possam ter partido do funcionalismo e encontrado abrigo no Ciespal, não encontramos material para nos juntarmos a essa interpretação. Acreditamos que, pelo Ciespal, foi o desenvolvimentismo, se baseando algumas vezes em indicações de pesquisa da MCR, que propôs ações políticas.

A comunicação para o desenvolvimento teve na Unesco uma grande força constituinte (UNESCO, 1976; BORDENAVE, 1974), pois, como resultado de debates acontecidos nos anos 1950, realizou simpósios em 1960 (Bangcoc), 1961 (Santiago do Chile) e 1962 (Paris) e, então, teve a convicção de que Meios de Comunicação de Massa tinham um papel deveras relevante para o progresso econômico e social, chamando, consequentemente, os governos a "incluir em seus planos econômicos uma provisão adequada para o desenvolvimento dos veículos nacionais de informação e levar esse fator em seus programas para a Década de Desenvolvimento das Nações Unidas" (UNESCO, 1976, n.p). Após esses encontros ocorridos

[17] Alinhamo-nos a Florestan Fernandes (1970, p. 199) quando dizia que o posicionamento político vinha dos seres humanos, não do funcionalismo: "[...] as tendências à implantação do planejamento do mundo moderno indicam que os conhecimentos empíricos e teóricos, fornecidos por esse método, são igualmente úteis e potencialmente exploráveis sob quaisquer ideologias. Quer sob a égide de liberalismo e da livre iniciativa, quer sob a inspiração do socialismo e da intervenção estatal, a manipulação deliberada dos problemas sociais, a invenção de técnicas racionais de controle e a exploração programada dos efeitos construtivos da mudança social dependem, em larga escala, de conhecimento sobre as bases estruturais funcionais da organização e do desenvolvimento dos sistemas sociais".

entre 1960 e 62, a Unesco convidou Wilbur Schramm para reunir as informações encontradas/desenvolvidas e os assuntos debatidos e publicar um estudo, que veio a ser o livro *Comunicação de massa e desenvolvimento: o papel da informação nos países em crescimento*, e que de acordo com Beltrán ([s.d.]) converteu-se "na bíblia universal da comunicação para o desenvolvimento".

Alguns estudos de Merton, Lazarsfeld, Lasswell e Schramm se entrelaçam com aspectos funcionais, como podemos ver em *Comunicação de massa, gosto popular e a organização da ação social*, em *A estrutura e a função da comunicação na sociedade* e em partes do livro supracitado de Schramm; no entanto, esses textos não necessariamente expõe a obra e o pensamento desses autores. Merton tem forte vínculo com o funcionalismo, mas Lasswell, por exemplo, em outros artigos como no *The theory of political propaganda* (1927) e nos livros *Política: quem ganha o que, quando, como* ([1936] 1984) e *A Linguagem da política* ([1949] 1979), não mostra tal elo funcionalista. Carvalho, (2012, p. 226), em sua tese de doutorado, que teve Lasswell como foco de observação, afirma que não há nada de substancial que o identifique como o introdutor do funcionalismo no campo da comunicação e "o simples emprego do termo 'funções' aplicado à noção de meios de comunicação não é suficiente para caracterizá-lo funcionalista".

Já as ações propostas por Schramm a partir da Unesco mais se relacionavam a questões políticas, acreditando que com o uso de meios de comunicação se poderia gerar desenvolvimento econômico em países subdesenvolvidos. Eram propostas, de cunho liberal, para promover desenvolvimento a partir de ideias como mecanizar a mão de obra do campo para aumentar a produtividade e, então, liberá-la para trabalhar nas cidades; de pôr as pessoas como participantes de uma estrutura industrial produtiva; de transformar as vidas das pessoas: os valores dos grupos, os costumes, e as relações humanas em prol da evolução econômica. Nessa intenção, viram que algumas ideias da MCR poderiam ajudar, como a busca por líderes de opinião nas comunidades, a ideia de que os meios massivos de comunicação poderiam reforçar normas sociais e que o uso do modelo de Lasswell era aplicável para entender o processo comunicativo. Entendemos essa obra de Schramm como uma proposta de ação política de base liberal para ser aplicada em países subdesenvolvidos no contexto dos anos 1960, que utiliza algumas ideias elaboradas em estudos da MCR e que não recorre a indicações que são recorrentes em categorizações de autores funcionalistas para compreender e propor ações.

Considerações finais

É comum, em artigos e livros de comunicação publicados na América Latina, encontrarmos autores falando sobre o funcionalismo, caracterizando-o e trazendo algumas críticas, como por ser quantitativista, por ver a comunicação em sentido unilateral, por se vincular a posicionamentos imperialistas e outras. No entanto, ao optarmos em buscar informações em "textos primeiros", observamos que poderia haver outros entendimentos sobre o funcionalismo, os quais não abarcavam, sob um único termo, distintos conjuntos de ideias com diferentes gêneses.

O estudo de textos de Durkheim, Malinowski e Merton, assim como de alguns comentaristas, nos mostrou conceituações e aplicações de ideias funcionalistas. E a partir da leitura de publicações do Ciespal (como de várias de suas apostilas utilizadas nos cursos dos anos 1960, como a *Teoría de la comunicación*, e de livros de autores também publicados pelo Centro, como Wilbur Schramm, Paul Lazarsfeld, Ralph Nafziger e David White, Wayne A. Danielson, Gerhard Maletzke, Joffre Dumazedier) pudemos encontrar propostas de pesquisa sugeridas.

O ponto central de entendimento nesse processo foi de que o funcionalismo e a MCR já possuíam alguns cruzamentos em estudos realizados nos Estados Unidos, e, ambos, foram utilizados por propostas políticas na América Latina, resultantes de reuniões da Unesco, tendo o Ciespal como importante polo difusor. No entanto, o que notamos foram entrecruzamentos de linhas com posicionamentos e gêneses distintos. Por exemplo, as propostas de *A Linguagem da política*, de Lasswell e Kaplan, e a pesquisa desenvolvida por Katz e Lazarsfeld para *Personal influence* são diferentes das proposições de Malinowski e Durkheim. Textos que trazem essas aproximações e entrecruzamentos entre funcionalismo e MCR de forma bastante nítida são os publicados no livro *Comunicação e indústria cultural*, de Gabriel Cohn, obra bastante citada em manuais de teorias da comunicação no Brasil.

Acreditamos que o Ciespal foi uma instituição que acolheu indicações da MCR e da comunicação para o desenvolvimento nos anos 1960, e que o dito "período funcionalista" não tinha muita vinculação com ideias do funcionalismo. O Ciespal foi um Centro que acolheu e difundiu propostas de pesquisas norte-americanas da primeira metade do século XX e de propostas políticas da Unesco que prometiam gerar progresso em países subdesenvolvidos.

Referências

ARAGÃO, Iury P. Primeira década do Ciespal: fundação e indicações de investigação. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 135, 2017a.

ARAGÃO, Iury P. Los vínculos entre la Folkcomunicación y el Funcionalismo. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación** n.129, 2015. Acesso em: 13 jun. 2015. Disponível em: <http://chasqui.ciespal.org/index.php/chasqui/article/view/2621>.

ARAGÃO, Iury P. **Elos teórico-metodológicos da folkcomunicação**: retorno às origens (1959-1967). Tese (doutorado) – Universidade Metodista de São Paulo, Escola de Comunicação, Educação e Humanidades. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, São Bernardo do Campo, 2017b. 251p.

ARON, Raymond. Auguste Comte. In: ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. Tradução de Sérgio Bath. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p.83-183.

ARON, Raymond. Émile Durkheim. In: ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. Tradução de Sérgio Bath. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p.457-588.

BELTRÁN, Luis R. **Comunicación para el desarrollo en Latinoamérica**: una evaluación sucinta al cabo de cuarenta años. [s.d.]a, [s.l.]. Disponível em: <http://www.infoamerica.org/teoria_articulos/beltran1.htm>. Acesso em: 14 set.2015.

BELTRÁN, Luis R. Comunicación y desarrollo económico. **Chasqui**. n.2, p. 50-72, 1973. Disponível em: <http://chasqui.ciespal.org/index.php/chasqui/article/view/2345/2343>. Acesso em: 19 out.2015.

BELTRÁN, Luis R. **Premisas, objetos y métodos foráneos en la investigación sobre comunicación en América Latina**. Disponível em: <http://www.periodismo.uchile.cl/talleres/teoriacomunicacion/archivos/beltran.pdf>. Acesso em 12 nov. 2015.

BELTRÁN, Luis R. **Investigación sobre comunicación en Latinoamérica**: inicio, trascendencia y proyección. Pulral Editores; UCB: La Paz: 2000. p.87-122.

BERELSON, Bernard. La comunicación colectiva y la opinión pública. In: SCHRAMM, Wilbur (Org.). **Proceso y efectos de la comunicación colectiva**. Quito: Ciespal, 1964. p.291-303.

BERGER, Christa. A pesquisa em Comunicação na América Latina. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. Teorias da Comunicação. Editora Vozes: Petrópolis, 2001. p.241-278.

BOAS, Franz. **A mente do ser humano primitivo**. Tradução de José Carlos Pereira. 2. ed. Petrópolis: Vozes: 2011.

BORDENAVE, Juan Diaz. Nuevos métodos de entrenamiento de la comunicación para los países en desarrollo. **Chasqui**. n.7, p. 11-54, 1974. Disponível em: <http://chasqui.ciespal.org/index.php/chasqui/article/view/2382/2380>. Acesso em: 19 ago.2015.

CARTER JR., Roy. Métodos de campo en las investigaciones de la comunicación. In: NAFZIGER, Ralph O.; WHITE, David M. (Orgs.). **Introducción a la investigación de la comunicación colectiva**. Quito: Ciespal, 1967. p.76-125.

CARVALHO, Rafiza Luziani Varão Ribeiro. **Harold Lasswell e o Campo da Comunicação**. Tese (doutorado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação. Programa de Pós-Graduação, Brasília, 2012. 244p. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12047/1/2012_RafizaLuzianiVar%C3%A3oRibeiroCarvalho.pdf>. Acesso em 20 out.2014.

COMTE, Auguste. **Catecismo positivista**. Tradução e notas de Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.117-318.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**. Tradução de José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.3-39.

COMTE, Auguste. **Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo**. Tradução de José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.95-115.

COMTE, Auguste. **Discurso sobre o espírito positivo**. Tradução de Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Editora Escala, [s.d.]. 110p.

COMTE, Auguste. **Discurso sobre o espírito positivo**. Tradução de José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.41-94.

COMTE, Augusto. **Discurso sobre o espírito positivo**. São Paulo: Escala, [s.d.]. 110p.

CÓRDOVA, Gonzalo. Ciespal. **Estudios de comunicación masiva**. Concepción-Chile, nº 6-7-8, jan./jul. 1967, p.113-129.

DANIELSON, Wayne A. Análisis de contenido en la investigación de la comunicación. In: NAFZIGER, Ralph O.; WHITE, David M. (Orgs.). **Introducción a la investigación de la comunicación colectiva**. Quito: Ciespal, 1967. p.126-151.

DINES, Alberto. Prefacio. In: SCHRAMM, W. **Comunicação de massa e desenvolvimento**: o papel da informação nos países em crescimento. Tradução de Muniz Sodré e Robert Lent. Rio de Janeiro: Bloch, 1976.

DUMAZEDIER, Jofre. **De la sociología de la comunicación colectiva a la sociología del desarrollo cultural**. Quito: Ciespal, 1968.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Tradução de Joaquim Pereira Neto. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2008. 536p.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002. 128p.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Tradução de Eduardo Brandão. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013. 483p.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 513p.

EL PRIMER curso del Ciespal. **Revista Síntesis**. n.17, 1960.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1995.

FELICIANO, Fátima. Jornalismo: **A prática e a gramática**: a questão da influência do projeto pedagógico Unesco/Ciespal nos rumos do ensino de Jornalismo no Brasil. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 1987.

FERNANDES, Florestan. **Elementos de sociologia teórica.** São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1970.

FERNANDES, Florestan. Funcionalismo e análise científica na moderna sociologia. **Sociologia**, São Paulo, v.XXIV, n.3, set. 1962.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 16ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006. 79p.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** - para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987. 230p. Disponível em: <http://www.adelmo.com.br/index1.htm>. Acesso em: 05 jun.2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ed. São Paulo: Atlas, 1996. 159p.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Objeções à associação entre estudos culturais e folkcomunicação. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v.17, n.37, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/portalluiz/secao/documentos.htm#nilda>. Acesso em: 08 jan.2015.

KATZ, Elihu; LAZARSFELD, Paul. **La influencia personal**: el individuo en el proceso de comunición de masas. Tradução de Alberto Pérez Álvarez. Barcelona: Editora Hispano Europea, 1979. 446p.

KATZ, Elihu; LAZARSFELD, Paul. **Personal influence**: the part played by people in the flow of mass communication. New Brunswick: Transaction Publishers, 2006. 400p.

LACERDA, Gustavo Biscaia de. **O momento comtiano**: república e política no pensamento de Augusto Comte. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2010.496p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/93972/276336.pdf?sequence=1>. Acesso em: 07 abr.2014.

LASSWELL, Harold. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações de massa nessa sociedade. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP, 1971. p. 105-117.

LASSWELL, Harold. **Política:** quem ganha o que, quando, como. Tradução de Marco Aurélio dos Santos Chaudon. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984. 172p.

LASSWELL, Harold. The theory os political propaganda. **The American Political Science Review**, v. 21, n. 3, p. 627-631, ago. 1927. Disponível em: <http://colectivonovecento.files.wordpress.com/2012/09/lasswell-the-theory-of-political-propaganda.pdf>. Acesso em 03 out.2014.

LASSWELL, Harold; KAPLAN, Abraham. **A linguagem da política.** Tradução de Lúcia Dauster Vivacqua e Silvia e Sônia de Castro Neves. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979. 410p.

LAZARSFELD, Paul. **A sociologia**. v.2. Tradução de Macaísta Malheiros. Lisboa: Livraria Bertrand, 1979. 260p.

LAZARSFELD, Paul; MENZEL, Herbert. Los medios de información y la influencia personal. In: SCHRAMM, Wilbur (Org.). **La ciencia de la comunicación humana**. Quito: Ciespal, 1965. p. 80-97.

LAZARSFELD, Paul; MERTON, Robert. Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da USP, 1971. p.230-253.

LEÓN DUARTE, Gustavo. El papel de la Ciespal en el proceso de institucionalización de los estudios de Comunicación en América Latina. **MHCJ**, n.3. 2012. Disponível em: <http://rev.innovacionumh.es/index.php?journal=mhcj&page=article&op=view&path%5B%5D=51&path%5B%5D=97>. Acesso em 22 out.2015.

MALETZKE, Gerhard. Sicología de la comunicación colectiva. Quito: Ciespal, 1963.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**. Tradução de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendença. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. 424 p.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Estudios de psicologia primitiva**: el complejo de Edipo. 3. ed. Buenos Aires: Editorial Paidos, 1963. 273 p.

MALINOWSKI, Bronislaw. Podemos ajudar os povos nativos? Tradução de Oracy Nogueira. In: FERNANDES, Florestán. **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional; Editora da Usp, 1973. p.477-487.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da Cultura**. Tradução de José Auto. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970. 206 p.

MALINOWSKI, Bronislaw. **The dynamics of cultural change**: an inquiry into race relations in Africa. Londres; New Haven: Oxford University Press; Yale University Press, 1945. 171p.

MARQUES DE MELO, José. **A pesquisa em comunicação**. São Paulo: Faculdade de Jornalismo Casper Líbero, 1968.

MARQUES DE MELO, José. A recepção das ideias de Wilbur Schramm no Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. n. 6, p. 13-21, 2007. Disponível em: <http://www.alaic.org/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/22/21>. Acesso em: 19 dez. 2015.

MARQUES DE MELO, José. Ciências da comunicação na América Latina: o papel histórico do Ciespal (1959-2009). **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación – ALAIC**. n.11,

jul./dez.2009. Disponível em: <http://www.alaic.org/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/94/92>. Acesso em 17 ago.2015.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 14 ed. São Paulo: Loyola, 2011. 227p.

MATTELART; Armand; PICCINI, Mabel; MATTELART, Michele. **Los medios de comunicación de masas**: la ideología de la prensa liberal en Chile. Buenos Aires: El Cid Editor, 1976.

MEDINA, Cremilda. Ciespal e o resgate das vozes do hemisfério sol. In: MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina. **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano**. O protagonismo das instituições pioneiras: Ciespal, Icinform, Ininco. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Cátedra Unesco de Comunicação para o desenvolvimento regional, 2000.

MEDITSCH, E. Ciespal trouxe progresso... e o problema quase insolúvel do comunicólogo. In: MARQUES DE MELO, J; GOBBI, M. **Gênese do pensamento comunicacional latino-americano**: o protagonismo das instituições pioneiras: Ciespal, Icinform, Ininco. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Cátedra Unesco de Comunicação para o desenvolvimento regional, 2000.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e pesquisa para o jornalismo que está por vir**: a função social da Universidade e os obstáculos para a sua realização. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

MERTON, Robert K. **Sociologia: teoria e estrutura**. Tradução de Miguel Maillet. São Paulo: Editôra Mestre Jou, 1968.

MISES, Ludwig von. **Liberalismo Segundo a Tradição Clássica**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

NAFZIGER, Ralph O.; WHITE, David M. (Orgs.). **Introducción a la investigación de la comunicación colectiva**. Quito: Ciespal, 1967.

NAVARRO, Raúl Fuentes. Everett M. Rogers (1931-2004) y la investigación Latinoamericana de la comunicación. **Comunicación y Sociedad**. Guadalajara, n. 4, p. 93-125, jul./dez. 2005.

NUÑEZ, Patricia L. **Breve estudio sobre "Ciespal"**. Ciespal: Quito, 1980.

ORÍGENES históricos de Ciespal. **Chasqui**. n.11, p. 84-87, 1984. Disponível em: <http://www.revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/1755/1775>. Acesso em: 19 set.2015.

OS ANOS 60: a década que mudou tudo. São Paulo: Edições Veja, [s.d.]. 144p.

PROULX, Serge. As pesquisas norte-americanas sobre a comunicação: a institucionalização de um campo de estudo. **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação, São Leopoldo, vol. 2, n. 4, p.56-64, jul./dez.2014.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e função na sociedade primitiva.** Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Petrópolis: Vozes, 2013. 195p.

SALGADO, Luis V. Informe. In: NUÑEZ, Patricia L. **Breve estudio sobre "Ciespal"**. Quito, 1980.

SCHRAMM, W. **Comunicação de massa e desenvolvimento**: o papel da informação nos países em crescimento. Tradução de Muniz Sodré e Robert Lent. Rio de Janeiro: Bloch, 1976.

SCHRAMM, Wilbur. Investigaciones de la comunicación en los Estados Unidos. In: SCHRAMM, Wilbur (Org.). **La ciencia de la comunicación humana**. Quito: Ciespal, 1965a. p.2-13.

SCHRAMM, Wilbur. Mecanismo de la comunicación. In: SCHRAMM, Wilbur (Org.). **Proceso y efectos de la comunicación colectiva**. Quito: Ciespal, 1964. p.3-23.

SCHRAMM, Wilbur. Responsabilidades de la comunicación colectiva. In: NAFZIGER, Ralph O.; WHITE, David M. (Orgs.). **Introducción a la investigación de la comunicación colectiva**. Quito: Ciespal, 1967. p.1-29.

TANNENBAUM, Percy H. Métodos experimentales en la investigación de la comunicación. In: NAFZIGER, Ralph O.; WHITE, David M. (Orgs.). **Introducción a la investigación de la comunicación colectiva**. Quito: Ciespal, 1967. p.50-75.

TEORÍA de la comunicación. Quito: Ciespal, [s.d.].

THOMPSON, Ken. **Emile Durkheim**. Londres; Nova Iorque: Routledge, 2003. 162p. Disponível em: <http://swauop.yolasite.com/resources/Durkheim%20-%20key%20sociologists.pdf>. Acesso em: 13 jun.2014.

TIMASHEFF, Nicholas S. **Teoria sociológica**. Tradução de Antônio Bulhões. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. 419p.

UNESCO. Introdução da Unesco. In: SCHRAMM, W. **Comunicação de massa e desenvolvimento**: o papel da informação nos países em crescimento. Tradução de Muniz Sodré e Robert Lent. Rio de Janeiro: Bloch, 1976.

WESTLEY, Bruce. Método científico e investigación de la comunicación. In: NAFZIGER, Ralph O.; WHITE, David M. (Orgs.). **Introducción a la investigación de la comunicación colectiva**. Quito: Ciespal, 1967. p.152-187.